

cine clube de campo grande

TER
R
A
E
M
T
R
A
N
S
E

Acervo Digital

Walter
da Silveira

GLAUBER
ROCHA

CINE ALHAMBRA — 14-2-68 — 20,30 HORAS

A polêmica está no ar. Ela invade os setores mais esclarecidos do público, todos se acham no direito — e dever — de ficar apaixonadamente a favor ou violentamente contra esta fita. De qualquer forma, **Terra em Transe** cumpre uma bela carreira. Poucos filmes são capazes de agitar, envolver, provocar a luta de opiniões numa área que ultrapassa os limites do simples interesse cinematográfico. Seria necessário repetir que **Terra em Transe** toca uma verdade desagradável de maneira desagradável, ferindo assim as idéias prontas, o pensamento ordenado, os conceitos sólidos da direita e os slogans imutáveis da esquerda. Nada do que Gláuber propõe — e divulga — está nos cadernos políticos de nossa juventude ou nos apontamentos para o futuro da nossa elite intelectual. **Terra em Transe** foge aos textos oficiais, escapa às sùmulas, ignora verdades absolutas. Num país em crise, uma feroz interrogação — e muito desencanto.

Desencanto do personagem central, Paulo Martins (Jardel Filho), poeta que oscila entre o intervalo romântico (amizade por sua obra, por seu protetor Porfírio Díaz, por sua amada Sara, pelo líder que constrói, Dom Felipe Vieira) e a urgência da ação política (amizade por Eldorado, país interior, Atlântico). Gláuber sugere que, ao lado de um “mal do coração”, existe um “mal político”. Os sentimentais habitam Eldorado, mas a hora presente de Eldorado é o rompimento, o avanço, a agressão. Paulo Martins, que numa obra tradicional seria o “personagem positivo”, “herói” ou “porta-voz das idéias do autor”, é apenas uma desesperada busca de consciência, um ponto sensível atraído pelos centros de forças lançados no seu caminho. **Terra em Transe** é a narrativa do fascínio pelo “outro”, da limitação física ou mental que cada personagem tenta superar procurando o seu complemento no companheiro mais próximo. Acontece que Eldorado, país em crise, é também país em transformação, onde tudo oscila — homens, fatos, mulheres, idéias. Sara (Glaube Rocha), único personagem estável, consciente, objetivo, não consegue agir concretamente sem o auxílio de Paulo — ou distante do governador de Alecrim, D. Felipe Vieira (José Lewgoy). Dom Porfírio Díaz (Paulo Autran), senador direitista que toma o poder, necessita da fidelidade de Paulo para vencer a solidão. E Paulo considera importante, a um só tempo, não decepcionar Díaz, amar Sara, ajudar Vieira e fazer parte da corte de D. Júlio Fuentes (Paulo Gracindo), milionário do petróleo e da imprensa que se realiza nas grandes festas e no sonho do mecenato.

Tudo oscila. Política e moral andam juntas, e o cinema de Gláuber entende, como nenhuma outra experiência até hoje realizada no Brasil, que uma obra revolucionária (social, ou esteticamente) se compõe a partir da observação crítica de uma realidade em movimento.

Parece simples. Mas a realidade, no Brasil atual, existe em fragmentos, e quanto maior a proximidade entre o artista e os fatos concretos, mais tumultuada e contraditória será a sua visão. Gláuber aceitou, com inteligência e coragem, a luta em campo aberto. Filme desagradável ou não, incoerente ou não **Terra em Transe** é, por isso mesmo (ou não por isso mesmo), principalmente cinema.

Para os movimentos, idas e voltas dos habitantes centrais de Eldorado, uma câmara sem repouso. Cada plano, em **Terra em Transe**, significa a imagem de uma atitude moral ou de uma dúvida política. Fraqueza em Paulo, força em Díaz, conciliação em Vieira. Ou força em Paulo, fraqueza em Vieira, conciliação em Díaz. Ou força em Vieira, conciliação em Paulo, fraqueza em Díaz. Os papéis se cruzam, trocam de lugar, buscam inutilmente um ponto fixo sob a luz claríssima de um país à beira do fantástico. Pelo sonho, pela agonia, pelo recitar monótono, repetido, de um poema grandioso e vazio, Gláuber Rocha apresenta à inteligência do público uma extraordinária obra de coerência e de sofrimento.

Tanto **Terra em Transe** como **Deus e o Diabo** são duas óperas brasileiras, bárbaras, barrocas, líricas.

Nouvel Observateur

“Eis aí um brasileiro que seguramente vai fazer falar de si. Seu filme que dura três horas, é a coisa mais bonita que já vi nesses últimos 10 anos. Esse surpreendente Gláuber Rocha possui uma força extraordinária, é cheio de uma poesia sangrenta”.

Luiz Bunuel

“Do lirismo frenético de Gláuber Rocha nasce uma espécie de encantamento e ao longo de toda a história somos carregados num turbilhão de imagens explosivas, flamejantes, estrondosas, à cuja força nos é impossível resistir”.

Jean de Baroncelli

(“Le Monde”)

O cinema brasileiro existe e Gláuber Rocha é o seu profeta. O lirismo exacerbado de Gláuber não recua diante de nenhuma audácia e ele inventa, no fluxo de uma inspiração profunda, um cinema de encantamento que não encontra nada semelhante”.

Pierre Billard

(“L'Express”)

“Um filme fascinante, por sua verdade, e por sua autenticidade lírica”.

George Sadoul

(Lettres Françaises)

Direção e roteiro — GLÁUBER ROCHA

Intérpretes: — JARDEL FILHO, GLAUCE ROCHA, JOSÉ
LEWGOY, PAULO AUTRAN, CLÓVIS
BORNAY.

Produção da MAPA — 1967 — Rio de Janeiro.

Acervo Digital

Walter da Silveira

Colaboração:

EMPRESA TEATRAL PEDUTTI LTDA.

CINE RIALTO — ALHAMBRA — STA. HELENA

Campo Grande — MT

US. AC. 50.01.

043.3